

Variação fonológica no sistema pronominal do kriol: o caso de “bu”

Abdulai Danfá *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-9076-2196>

Resumo: Este trabalho objetiva analisar a variação fonológica no sistema pronominal do kriol, verificando o caso do pronome clítico da segunda pessoa de singular, e suas variantes: [bu], [u] e [o]. Para tanto, realizaremos uma análise qualitativa de dados de fala do programa da Televisão Nacional da Guiné-Bissau (TGB) *Manhã Grande*, considerando a interação entre o apresentador do programa e os telespectadores-participantes. Os nossos dados revelam a competição entre os clíticos sujeitos [bu] e [u], devido ao apagamento da consoante *b*; e quando isso ocorre com as conjunções *si* (se), *ki/ku* (quando/que) e o pronome relativo *ki/ku* (que), verifica-se às vezes a elisão da variante [u] com a vogal desses elementos gramaticais. Enquanto isso, o clítico [u] transforma-se em [o] devido à presença da preposição *pa* (para). Isso permite-nos argumentar que estes processos da variação fonológica estão presentes na língua kriol na fala quotidiana.

Palavras-chave: Kriol; Variação fonológica; Pronome clítico

Variason fonologica na sistema pronominal di kriol: cazu di “bu”

Rusumu: Na es tarbadju, i na analizadu variason fonologica na sistema pronominal di kriol, i na studadu pronomi cliticu di sugunda pessoa di singular ku si variantis (kilis ku pudi pudu na memu lugar): [bu], [u], e [o]. Pa es, no na analiza quantidade (kantu bias ku) e pronomis uzadu na purgrama de Televizion di Guine-Bissau (TGB) Manhã Grandi, no na considera fala di apresentadur di purgrama ki di djubuduris di televizion ku participa nes purgrama. No tarbadju mostra di kuma i ten kompitison entri cliticu sujeitu [bu] ki [u], pabia di kuma consoante/letra b i sta na para uzadu; ora ku es aconteci ku conjunções si, ki/ku inda ku pronomi relativu ki/ku, as vezis i ta odjadu elizon di (i ta djuntadu) variante clitica [u] ku vogal di conjunções tambi ku di pronomis. Pa si bes, cliticu [u] ta muda pa [o] pabia di prizensa di prepozison pa [para]. Es ta pirmitinu papia di kuma es purcessos di variason fonologica sta prisenti na lingua kriol na no papia di kada dia.

Palabras-tchabi: kriol; variason fonologica; pronomi cliticu.

Phonological variation in kriol's pronominal system: the case of bu

Abstract: This work aims to analyze the phonological variation in the kriol pronominal system, verifying the case of the second person singular clitic pronoun, and its variants: [bu], [u] and [o]. Therefore, we will perform a qualitative analysis of speech data from the program of the Televisão Nacional da Guiné-Bissau (TGB) *Manhã Grande*, considering the interaction between the presenter of the program and the viewers-participants. Our data reveal the competition between the subject clitics [bu] and [u], due to the deletion of the consonant *b*; and when this occurs with the conjunctions *si* (if), *ki/ku* (when/that) and the relative pronoun *ki/ku* (that), the variant [u] is sometimes elided with the vowel of these grammatical elements. Meanwhile, the clitic [u] turns into [o] due to the presence of the preposition *pa* (to). This allows us to argue that these processes of phonological variation are present in the Kriol language in everyday speech.

Keywords: kriol; phonological variation; clitic pronoun

* Mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e-mail: abdulaidanfa@gmail.com

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar a variação fonológica no sistema pronominal do kriol¹, tendo em atenção o pronome clítico da segunda pessoa de singular. Trabalharemos com dados de fala do programa da Televisão Nacional da Guiné-Bissau (TGB) denominado *Manhã Grande*² do dia 29 de abril de 2020. Nesse dia, os telespectadores, num total de 10, ligavam para o programa a fim de darem suas opiniões sobre a prevenção à saúde pública. Além da participação desses telespectadores, decorreram também no estúdio duas entrevistas. Entretanto, consideramos a fala da apresentadora e a dos 10 participantes. A interação entre eles foi conduzida na língua kriol. Para a nossa análise, realizamos a transcrição das falas dos telespectadores-participantes e da apresentadora, destacando alguns trechos. As partes que ficaram inaudíveis não foram consideradas.

Segundo Cagliari (2002), alguns processos fonológicos podem ser bem explicados quando se consideram fatos de outra natureza linguística, visto que nas línguas se encontram “realizações sonoras que são determinadas não somente por oposições fonológicas, mas também por oposições gramaticais, além de outros parâmetros, como os fatores sociolinguísticos, estilísticos, pragmáticos etc.” (CAGLIARI, 2002, p. 82). Este seria um processo morfofonológico, uma vez que “uma forma básica lexical serve de motivação para uma regra fonológica” (p. 82).

Na sociolinguística variacionista, dedica-se ao estudo da variação linguística, investigando as diferentes formas de se usar um determinado fenômeno linguístico para dizer a mesma coisa e relacionando essas diferenças linguísticas com a realidade social (TARALLO, 1997; CAMACHO, 2012). Um dos trabalhos mais conhecidos nesse campo de pesquisa é de Labov (2008 [1972]), que realizou um estudo a partir de observações rápidas e anônimas à estrutura sociolinguística da comunidade de fala de Nova Iorque nas lojas do departamento dessa cidade para estratificação social do (r), o autor verificou que a realização do (r-1) é a forma prestigiada ao contrário do seu apagamento (1-0), que é uma variante estigmatizada.

¹ O kriol, conforme é chamado pelos guineenses, é língua de comunicação do dia a dia na Guiné-Bissau.

² Disponível em: <https://www.facebook.com/105117960878805/videos/231088381460081/>. Acesso em: 22 de maio de 2020.

Sobre o português brasileiro, Camacho (2012) mostra de modo breve as diferentes variantes fonológicas do fonema /r/ em final da sílaba. Segundo o autor, este fonema é pronunciado como retroflexo [r̥] de forma ampla no interior de São Paulo, chamada de forma pejorativa como r- caipira; e como fricativas velar [x] e glotal [h], ambas usadas no litoral do Brasil, apesar de serem estereotipadas como pertencentes unicamente ao dialeto carioca; e que é usada também como uma vibrante alveolar [r], principalmente na região metropolitana de Porto Alegre. Tais são exemplos de variantes linguísticas utilizadas para se expressar a mesma ideia.

Para este trabalho, consideraremos o apagamento da consoante /b/ no início do pronome clítico da segunda pessoa de singular [bu]; e realizaremos um estudo qualitativo com base em sociolinguística (TARALLO, 1997; CAMACHO, 2012). O estudo está dividido em três partes. Na primeira, sob o título “formas pronominais do kriol”, trataremos brevemente das formas pronominais dessa língua a partir da proposta de Cardinaletti & Starke (1994). Na segunda parte, abordaremos sobre a “posição das formas pronominais”, demonstrando com alguns exemplos os contextos de ocorrência dos pronomes no kriol. E na terceira, intitulada “queda (ou apagamento) consonantal nos pronomes”, analisaremos os processos fonológicos de aférese no sistema pronominal do kriol, partindo de dados de fala da Televisão Nacional da Guiné-Bissau (TGB).

2 Formas pronominais do kriol

Cardinaletti & Starke (1994) apresentam uma classificação tripartida do sistema pronominal em formas fortes, fracas e clíticas; e explicam que, a depender de cada língua, tais formas podem fazer parte do paradigma de pronomes de uma determinada língua ou então algumas delas. No kriol, os três tipos de pronome podem ser encontrados, mas com algumas características particulares.

Segundo os autores, os pronomes fracos e os clíticos (“deficient elements”) são morfologicamente mais reduzidos que os pronomes fortes (“strong elements”); e os dois primeiros apresentam certas restrições configuracionais, entre as quais a coordenação, isto é, não são coordenáveis, diferentemente dos pronomes fortes, que podem ser coordenados. Ainda, eles argumentam que as formas pronominais fortes e fracas ocupam XP na estrutura sintática; ao contrário dos clíticos, que são categoria X⁰, estando adjacentes ao verbo.

No entanto, a partir dessa tipologia transcategorial de Cardinaletti & Starke (1994) – que envolve pronome pessoal e advérbio, como também pronome possessivo Cardinaletti (1998) -, Castro & Costa (2003, *apud* PRATAS, 2004) analisam o sistema dos possessivos e advérbios no português europeu. Com base nas evidências advindas de análise dos dados, os autores propõem a revisão da proposta tipológica de Cardinaletti & Stake, sugerindo que os pronomes e advérbios analisados umas vezes aproximam-se de categoria XP e outras vezes de X^0 : quando os possessivos e os advérbios se encontram em posição pós-nominal, apresentam um comportamento típico de projeções máximas (XP); enquanto que, ao ocorrerem os possessivos e os advérbios em posição pré-verbal, distanciam-se de XP, apesar de não terem um comportamento semelhante aos clíticos. Os autores explicam, ainda, que os advérbios analisados apresentam, em posição pré-verbal, um funcionamento semelhante ao dos núcleos.

Tal situação, a que Pratas (2004) se refere como ambiguidade, foi encontrada pela autora no kabuverdianu, que, segundo ela, apresenta as três formas pronominais propostas por Cardinaletti & Starke (1994). Porém, a autora argumenta que os pronomes fracos (XP) no kabuverdianu aproximam-se às vezes dos clíticos (X^0), por isso a autora explica que propõe chamá-los umas vezes de pronomes fracos e outras vezes de clíticos tónicos, justificando que usou o termo “clítico” pelo comportamento sintático desse pronome, e “tónicos” pela sua morfologia em relação a outros clíticos. Esta autora apresenta sentenças com verbo *kanta* (cantar) como um dos contextos de ocorrência desse pronome; entretanto, Pina (2006, *apud* SILVA, 2012) e Andrade (2015) defendem que, no kabuverdianu variedade de Santiago, o único contexto em que as formas fracas funcionam como clítico sujeito é quando ocorrem com o verbo copulativo *ser*³, a não ser que sejam seguidas pelo elemento *ki*⁴ (ANDRADE, 2015).

Por outro lado, em relação à proposta de Castro & Costa (2003), observamos no sistema pronominal do kriol características semelhantes no funcionamento de algumas formas pronominais. Dependendo de contexto, há pronomes que ocorrem como categorias XP funcionando como os pronomes fortes e fracos, aproximando-se das projeções máximas e reduzidas, respectivamente; e outras vezes funcionam como

³ “- So si mi e' dodu ...” Só se eu for doida (ANDRADE, 2015).

⁴ “Bo ki rabati-m!” Tu que me socorreste! (ANDRADE, 2015).

categoria X⁰, aproximando-se dos clíticos. A estes chamamos de pronome híbrido (*elis*)⁵, por apresentar as características formais e funcionais de pronomes fortes, fracos e clíticos. Assim, comporta-se como formas não-clíticas e clíticas.

Para uma divisão sintática das formas pronominais no kriol, propomos duas grandes classificações: formas não clíticas, em que enquadrámos os pronomes fortes e fracos, e formas clíticas. Vale observar que decidimos considerar as formas fracas como não clíticas, pois apresentam uma redução morfológica menor que os clíticos. Em seguida, apresentaremos no quadro 1 as formas de pronomes pessoais do kriol.

Quadro 1: Formas pronominais do kriol

Número e pessoa	Formas Não-Clíticas		Formas Clíticas	
	Pronome Forte/ Sujeitos	Pronome Fraco/ Objetos preposiciona dos	Clíticos Sujeito	Clíticos objeto direto/indiret o
1 ^a sg	Ami	Mi	N	N
2 ^a sg	Abo	Bo	Bu / u	U
3 ^a sg	El	El	I	L
1 ^a pl	Anos	Nos	No	No
2 ^a pl	Abos	Bos	Bo	Bos
3 ^a pl	Elis	Elis	E	Elis

Fonte: Dados da pesquisa

Neste quadro, podemos verificar nas duas primeiras colunas as formas pronominais não-clíticas, com os pronomes fortes (formas plenas) e pronomes fracos (formas reduzidas), respectivamente. Em seguida, nas duas últimas colunas, temos as formas clíticas, com uma redução morfológica maior que os pronomes fracos. Podemos perceber que em três colunas (na primeira, na segunda e na última) há o pronome híbrido (*elis*), apresentando as características formais e funcionais de pronomes fortes, fracos e

⁵ *Elis* e na lei Eles estão a ler / Eles leem; *Bu ka manda elis imcumenda* / Tu não lhes mandaste a encomenda Ropa kumpradu pa relis / As roupas foram compradas para eles (cf. DANFÁ, 2021, p. 85-87).

clíticos. Assim, conforme já explicado, a depender do contexto, pode funcionar como as formas não-clíticas e clíticas.

3 Posições das formas pronominais no kriol

Na língua kriol, as expressões pronominais podem ocorrer como sujeito, como objeto direto e/ou como objeto indireto. Dentre elas, temos as formas pronominais não clíticas, as formas clíticas e uma forma híbrida. Destacamos que é possível a co-ocorrência das formas não clítica e clítica, ou seja, redobro pronominal numa mesma sentença. A seguir, apresentamos alguns exemplos retirados dos nossos dados, estando em *itálico* o pronome não-clítico e **negritados** os pronomes clíticos:

(1)

a. *anos* **no** sta li

Tradução: nós estamos aqui

b. **n**'na obiu

Tradução: Estou a ouvir-te

c. **u** pudi panha doença si sta na ar

Tradução: Você pode contrair a doença se ela está no ar

d. **bu** falal kuma **i** ka tem

Tradução: Você disse-lhe que não há.

Nesses dados, podemos perceber em “1.a” uma sentença com redobro pronominal, ou seja, temos a co-ocorrência do pronome não-clítico com o pronome clítico; em “1.b” temos a presença do pronome clítico **n** na posição de sujeito, e **u** na posição de objeto. Verificamos também em “1.c” a presença do clítico **u**, já ocorrendo como sujeito, podendo também funcionar como objeto, conforme vimos em “1.b”. E em “1.d”, temos **bu** e **i** como sujeito, e **l** como objeto direto. Esse mesmo pronome é uma das variantes do pronome da segunda pessoa de singular **bu**, que analisaremos com mais detalhes adiante.

4 Queda (ou apagamento) consonantal no pronome

Neste tópico, analisaremos os processos fonológicos de apagamento da consoante /b/ na variante clítica [bu] e de modificação ou mudança da variante [u] em [o] no pronome da segunda pessoa de singular do kriol. Segundo Cagliari (2002, p. 99), “as alterações

sonoras que ocorrem nas formas básicas de morfemas, ao se realizarem foneticamente, são explicadas através de regras que caracterizam processos fonológicos”. Dentre essas regras, temos a inserção (epêntese), queda (apagamento) e entre outras.

As alterações fonológicas podem ocorrer através da inserção ou queda de segmentos vocálicos ou consonantais. Quando um segmento é adicionado no início de uma palavra, “o termo mais específico para esse processo é prótese (1a). Se ocorrer o acréscimo de um segmento no meio e no final de uma palavra, o processo de inserção tem o nome específico de paragoge (1b)” (CAGLIARI & MASSINI-CAGLIARI, 2000, p. 164).

(1)

a. lembrar [alembRaR]

b. UNESP [unEspI]

A inserção (ou epêntese) pode ser vocálica ou consonantal. Um tipo especial de inserção tem sido chamado de consoante ou vogal intrusiva (ALI *et. al.*, 1979, *apud* CAGLIARI & MASSINI-CAGLIARI, 2000). Os elementos intrusivos caracterizam-se por adicionar um segmento a uma palavra sem justificção etimológica. Para demonstrar isso, observemos exemplos do inglês (WETZELS, 1985; CLEMENTS, 1988, *apud* CAGLIARI & MASSINI-CAGLIARI, 2000).

(2)

a. dense den(t)se

b. false fal(t)se

Enquanto isso, o apagamento ou a queda de segmentos linguísticos pode ser aférese (quando ocorrer no início de uma palavra), sincope (quando no meio da palavra) e apócope (quando no final). Pode-se demonstrar, respectivamente, o primeiro e último casos no kriol em relação ao português: /ngana/ “enganar”; /kanta/ “cantar” (COSTA, 2014).

Em um estudo realizado sobre o kriol, Costa (2014), levando em consideração a estrutura morfológica das palavras, apresenta alguns processos fonológicos de vogais nesta língua comparando os mesmos segmentos linguísticos com o português. Nessa perspectiva, ela demonstra exemplos de produções com “uma redução vocálica na sílaba inicial com relação ao português: /skɔla/ > Crioulo e /eskɔla/ > Português; /skirbi/ > Crioulo

e /escrever/ > Português; /sta/ > Crioulo e /estar/ > Português; /studa/ > Crioulo e /estudar/ > Português” (COSTA, 2014, p. 198).

Quanto ao processo de inserção vocálica, a autora demonstra ocorrências em alguns vocábulos do kriol, observando “palavras já incorporadas na língua com a vogal protética, como pode ser verificado a seguir” (p. 201):

[ˈjɛntɾɛ] ~ [iˈɛntɾɛ] - /ieNtra/ “entrar”

[ˈjabɾɪ] ~ [iˈabɾɪ] - /iabɾi/ “abrir”

[ˈjagʊ] ~ [iˈagʊ] - /iagu/ “água”

[jaŋgaˈsa] ~ [iaŋgaˈsa] - /iaNgasa/ “alcançar”

Tal processo é constatado também por Kihm (1994) e Scantamburlo (1981), que “consideram a prótese como um processo fonológico do crioulo guineense. Esse último refere-se ao ‘acréscimo da semivogal y inicial’ e apresenta os seguintes exemplos: *ianda* ~ *anda* / ˈyanda/ / ˈanda/ ‘andar’; *iermon* ~ *ermon* /yerˈmon/ /erˈmon/ ‘irmão’ (apud COSTA, 2014, p. 201).

A pesquisadora apresenta outros casos de inserção de vogal no kriol, destacamos os seguintes exemplos de epêntese vocálica: [sukuru] - /sukuru/ “escuro”, [skirˈbi] ~ [skirˈvi] ~ [skriˈbi] - /skirbi/ “escrever”, [purˈsor] ~ [pruˈsor] - /pursor/ “professor”. Nessas palavras, observa-se a “adição duma vogal no meio do grupo de consoantes para facilitar a pronúncia” (SCANTAMBURLO, 1981, apud COSTA, 2014, p. 202). Reforçando isso, Scantamburlo (1981) demonstra outros exemplos: *foronta* /foˈronta/ “afrontar” e *pirguisa* /pirˈgisa/ “preguiça”.

Podemos relacionar este aspecto do kriol à influência de línguas africanas, que, embora raras exceções em algumas línguas da presença de consoantes não obstruentes e nasais, por exemplo, apresentam sempre uma sílaba canônica aberta, tal como o lembama (língua falada no Gabão), que evita o encontro consonantal, por ser uma língua da estrutura silábica CV (OKOUDOWA, 2005). O padrão da sílaba dessas línguas “nunca termina em consoante.

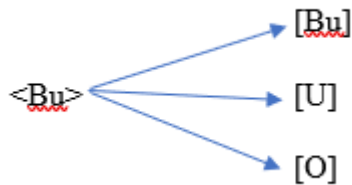
Esta propriedade se encontra no sistema fonológico do quimbundo, que fornece uma boa amostra da estrutura silábica das línguas do tronco nigero-congolês” (XAVIER, 2015, p. 122), do qual fazem parte as línguas locais da Guiné-Bissau. Assim, o kriol, provavelmente pela influência das línguas faladas no território guineense, procura reestruturar a sílaba VC para CV.

Vale lembrar que nos interessa neste trabalho analisar especificamente o processo de queda ou apagamento consonantal no sistema pronominal do kriol. Segundo Tarallo (1997), são frequentes as formas linguísticas em variação em toda comunidade de fala. Tais formas em variação são denominadas como “variantes linguísticas”, que se trata de diversas maneiras de dizer a mesma coisa num determinado contexto comunicativo. O autor exemplifica o caso da marcação do plural no sintagma nominal (variável linguística) do português falado no Brasil, que apresenta as seguintes variantes: a presença do segmento /s/, como a variante 1; e a ausência desse segmento (a forma “zero”), como variante 2. Tarallo (1997) defende que essa variação se manifesta tanto por parte do indivíduo quanto por parte do grupo.

Camacho (2012) compra frequências do emprego da variação entre [s] e [Ø] em palavras em que o morfema de plural ou segmento fricativo alveolar [s] não desempenha nenhuma função gramatical, como o caso do nome próprio “Marcos”, e em palavras em que desempenha essa função gramatical de plural, como em nome comum “meninos”, e observa que a probabilidade da marcação do plural é mais frequente nos constituintes antepostos ao núcleo e que os elementos nucleares são mais marcados na primeira e na terceira posições do que na segunda; além disso, segundo ele, seria mais natural manter o segmento fonológico se manifestar um valor semântico (pluralidade, por exemplo), do que quando não é o caso.

Assim, o autor defende que existem pressões gramaticais no sistema nominal, envolvendo a posição da palavra, sua classe gramatical e função sintática. E argumenta, portanto, que “a variação não é o resultado do uso arbitrário e irregular dos falantes, mas, ao contrário, é o resultado sistemático e regular de restrições impostas pelo próprio sistema linguístico” (CAMACHO, 2012, p. 59).

Ao contrário do caso observado por Tarallo (1997) e Camacho (2012) sobre a marcação do plural no português brasileiro (com duas variantes), a nossa variável em análise (pronomes clíticos da segunda pessoa de singular) apresenta três variantes, conforme podemos observar abaixo:



Na nossa análise, levaremos em consideração os dados provenientes de interações orais ou de fala entre apresentadora de televisão e telespectadores-participantes, como forma de verificarmos os processos fonológicos de queda ou apagamento consonantal na forma pronominal clítica de segunda pessoa de singular. Observemos abaixo as seguintes ocorrências:

(1)a. **Bu** mas na djuda **u** cabeça ora ku **bu** na privini

Tradução: Você se ajuda mais prevenindo-se.

b. **su** bin pa entra na saída e ta falou nau li i ka entrada [...] **su** bin pa sai na entrada e ta tudjiu pa pudi mindjor controla

Tradução: Se você tentar entrar na saída, proibem-no, se tentar sair na entrada, proibem-no para puderem controlar melhor.

c. obrigada pa **bu** contribuson

Tradução: obrigada pela sua contribuição

Verificamos nesses exemplos a ocorrência das variantes pronominais clíticas [*bu*] e [*u*], que desempenham a mesma função, isto é, sujeito em segunda pessoa de singular. Em “1.a”, observamos dois usos de [*bu*] e, por outro lado, o [*u*] ocorre entre eles; e em “1.b”, temos uma frase com duas ocorrências da variante clítica [*u*], ou seja, assim como em “1.a”, essa forma ilustra a queda da consoante /b/. Assim, neste último caso, os nossos dados evidenciam que, com as conjunções, pode-se verificar a elisão da vogal final da conjunção *si* (se), conforme vimos em “1.b”, em que temos como resultado a forma *su*. E em “1c”, observamos que essa variação acontece também com os pronomes possessivos da segunda pessoa de singular, que foram considerados também na nossa análise.

Em seguida, apresentamos o mesmo processo de queda consonantal e elisão vocálica em um outro exemplo, já com o elemento *ki/ku*, neste contexto funcionando como uma conjunção. Observa-se, de um lado, a elisão da vogal final da conjunção (ou parte da

locução conjuntiva) *ku*⁶ (no momento que/quando) com a variante clítica [*u*]; e, de outro lado, verifica-se a co-ocorrência desta variante com a vogal final da conjunção; e, finalmente, temos novamente a elisão da vogal final da conjunção *ki/ku* com a variante clítica [*u*] ao se encontrarem.

d. [*mascara*] ora *ku pul u kana tiral té ora ku u kaba ke ku na fassi*

Tradução: Quando usar a máscara, não deve tirá-la até terminar o que está a fazer.

Um outro aspecto interessante a observar sobre as variantes clíticas em análise é a possibilidade de a variante [*u*] se transformar em [*o*], quando é precedido por preposição *pa* (para) ou *ku* (com), cuja revelação não foi encontrada. Abaixo, ilustramos ocorrências desse tipo encontradas nos nossos dados.

(3) [...] *agora po incoraja alguin pa ka protegi si cabeça pabia bu falal kuma i ka tem*

Agora para você encorajar alguém a não se proteger, porque você lhe disse que não existe [a doença].

Há também a possibilidade de a variante [*o*] ocorrer com a variante [*u*].

Dotor konta kuma po u laba mon ku sabon linpu u ten ki laba un (1) minutu i tal

Tradução: O doutor disse para você lavar suas mãos com o sabão para ficarem limpas tem que lavá-las por 1 minuto e poucos segundos.

Essa transformação do [*u*] em [*o*], dando lugar, assim, a uma nova variante, pode estar indicando um processo de mudança linguística. Podemos verificar o processo da mudança fonológica em Couto e Embalo (2010, p. 32) ao comprarem as formas arcaicas do kriol com as formas atuais desta língua, eles explicam que “houve uma síncope da oclusiva sonora intervocálica, com a conseqüente semivocalização da segunda vogal”. Nos dados apresentados pelos autores, podemos verificar que no kriol arcaico o [*bu*] era usado na posição de objeto (em alínea a), na de sujeito (em alínea b), e em substantivo (em alínea c). À esquerda da barra oblíqua temos as formas arcaizantes; e à direita, as formas atuais.

(a) n disábu / n disau ‘eu o deixei’

(b) ndé ku bu na bai? / ndé k’u na bai? ‘aonde você vai?’

(c) kabu / kau ‘lugar

⁶ Vale observar que a forma *ku* pode desempenhar várias funções no kriol, podendo ser preposição “com”, conjunção “que e/ou quando” e pronome relativo “que/cujo/a...”. Ou seja, é uma palavra multifuncional.

Estudos de Couto e Embaló (2010) observam que,

em Bissau, a forma com o /b/ intervocálico é opcional. É portanto uma forma viva no crioulo mais conservador, sobretudo na Casamansa. No entanto, ela ocorre também em outras regiões da Guiné em pessoas mais velhas ou nos falantes do *kriol fundu*. No *kriol lebi* (mesoleto e acroleto) está enfraquecido e desapareceu no sotaque de muitos falantes (COUTO & EMBALÓ, 2010, p. 32).

Fazendo uma relação com o pronome *ocê* no contexto brasileiro, podemos perceber que, segundo Chagas (2012), sintaticamente, este pronome originou-se como um sintagma nominal, o que força o uso do verbo da terceira pessoa; mas com semântica que se confunde com a da segunda pessoa (*tu*) (CHAGAS, 2012). Para o autor, com o uso comum/frequente desse pronome, ele passa a ter diversas formas reduzidas, dentre as quais: “vosmecê, vossuncê e, com reduções ainda maiores, suncê e o nosso *ocê*. Passamos de quatro para três e de três para duas sílabas” (CHAGAS, 2012, p. 152). Já existindo também “a variante *cê*, monossilábica, utilizada em situações em que não há contraste” (CHAGAS, 2012, p. 152).

Sobre isso, Menon (1995, p. 95) destaca que “a forma *ocê*, oriunda de uma forma honorífica, seguiu uma trajetória de modificação de valor ao lado da modificação fonética”. Por outro lado, uma questão relevante em relação ao clítico da segunda pessoa de singular do kriol tem a ver com o fato de que pode ser usado para se referir a uma pessoa de forma específica ou genérica, conforme demonstramos abaixo.

Referência definida

(4) a. *kuma ku sta?*

Tradução: Como *ocê* está?

b. *senpri u ta entra u ta contribui.*

Tradução: Sempre *ocê* entra e contribui.

Nesses dados, verificamos a presença do clítico *u* usado de forma definida, ou seja, fazendo referência a uma determinada pessoa (um telespectador-participante) a quem a apresentadora do programa se dirige.

Referência indefinida/genérica

(5) a. *kada kim ten ku sensibiliza si família, si proximu, abo ora ku **bu** odja alguin na papia di doença, fassi maximu pa **u** evita del pabia **bu** vida ki sta em risku [...]*

Cada um tem que sensibilizar a sua família, o seu próximo, quando você vir/encontrar alguém a falar da doença, faça no máximo para se proteger dela, porque é sua própria vida que está em risco.

b. *Ora ke fala pa sinta bo sinta, ma **u** kata sibi ke **ku** ta odja un joven na ianda na rua [...]*.

Quando se diz para evitar sair de casa, fique em casa, mas não se sabe por que alguns jovens andam nas ruas. Ao contrário do que vimos no exemplo 4, nos dados presentes em 5, o clítico **bu** e sua variante **u** demonstram uma situação em que temos uma referência de forma genérica, pois não se dirige a uma pessoa específica.

5 Considerações finais

Os dados analisados revelam a ocorrência de três variantes do clítico *bu*, variável da segunda pessoa de singular. Os falantes ora usam a variante clítica [*bu*], ora a variante [*u*], com a consoante *b* apagada. Verificamos que, quando se usar as conjunções *si*, *ki/ku* e o pronome relativo *ki* com a variante [*u*], ocorre a fusão entre esta variante clítica e a vogal presente nas referidas categorias linguísticas.

Por seu lado, sobre a variante [*o*], parece haver um contexto específico de ocorrências, que é depois da preposição *pa* e do marcador de negação *ka* (sem ocorrência nos nossos dados), essa é uma hipótese que, entretanto, merece uma atenção especial para ser desvendada. Este estudo aponta-nos para um processo de mudança linguística, evidenciado pelo apagamento da consoante na variante [*bu*] e pela transformação da variante [*u*] em [*o*].

Com esta constatação dos dados, o presente trabalho permite-nos argumentar que tais processos fonológicos fazem parte da fala quotidiana na língua kriol, manifestando-se tanto na fala da apresentadora, quanto na dos telespectadores-participantes. Esperamos ter aberto um espaço de reflexões sobre estes fenômenos linguísticos para futuras investigações quanto a fatores que os condicionam e a seu funcionamento no kriol.

Referências

- ANDRADE, Mónica Raquel Gonçalves. Pronomes pessoais na variedade de Santiago: uma análise comparativa entre *ami, abo...* e *mi, bo...*. *Papia*, São Paulo, 25(2): 235-262, 2015.
- CARDINALETTI, Anna; STARKE, Michal. **The typology of structural deficiency. On the three grammatical classes**. *Working Paper in Linguistics* 4: 41-109, 1994.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica**. Campinas, SP: *Mercado de Letras*, 2002.
- CAGLIARI, Luiz Carlos; Massini-Cagliari, Gladis. **A epêntese consonantal em português e sua interpretação na Teoria da Otimalidade**. *Revista de Estudos Linguísticos* 9: 163-192, 2000.
- CAMACHO, Roberto. Sociolinguística Parte II. In: Mussalim, Fernanda; Bentes, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, 51-83. V1, 9ª Ed. – São Paulo: *Cortez*, p. 49-76, 2012.
- CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: Fiorin, José Luiz (org.). **Introdução à linguística**, 141-162. 6ª ed. – São Paulo: *Contexto*, p. 141- 163, 2012.
- COSTA, Paula Mendes. **Descrição fonológica do crioulo Guineense**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, 2014.
- COUTO, Hildo Honório do; Embaló, Filomena. **Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP**. *Papia* 20: 1-256, 2010.
- DANFÁ, Abdulai. **SUJEITO NULO E SISTEMA PRONOMINAL DO KRIOL: UMA ABORDAGEM COMPARATIVA COM O KABUVERDIANU**. Nºfolhas 145, Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, 2021.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução Bagno, Marcos; Scherre, Maria Marta Pereira; Cardoso, Carolina Rodrigues – São Paulo, *Parábola Editora*, 69-90, 2008.
- MENON, Odete Pereira da Silva. **O sistema pronominal do português do Brasil**. *Letras* 44: 91-106, 1995.
- OKOUDOWA, Bruno. **Descrição preliminar dos aspectos da fonologia e morfologia do Iembaama**. Nºfolhas 56, Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade São Paulo (USP), 2005.
- PRATAS, Fernanda. **O sistema pronominal do Caboverdiano: Questões de gramática**. Lisboa: *Edições Colibri*, 2004.

SILVA, Fernanda Vaz da. **Aspectos do parâmetro do sujeito nulo no cabo-verdiano – variante de santiago – e no português europeu**: um esboço de análise sintáctica. Monografia, nºfolhas, 48, Universidade de Cabo Verde, 2012

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: *Editora Ática*, 1997.

XAVIER, Francisco da Silva. Fonologia. In: Petter, Margarida (Org). **Introdução à Linguística Africana**, 87-125. *Contexto*: São Paulo, p. 87-126, 2015.

Recebido em: 11/10/2021

Aceito em: 20/12/2021

Para citar este texto (ABNT): DANFÁ, Abdulai. Variação fonológica no sistema pronominal do kriol: o caso de “bu”. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº1, p.273-287, jan.-jun. 2022.

Para citar este texto (APA): Danfá, Abdulai. (jan./jun.2022). Variação fonológica no sistema pronominal do kriol: o caso de “bu”. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (1): 273-287.

